

OS ENFERMEIROS E...

... OS CUIDADOS PALIATIVOS

COORDENAÇÃO JÚLIA TRIGO / LUÍS FERREIRA - sracores@ordemenfermeiros.pt

Os Cuidados Paliativos não devem ser um privilégio

O enfermeiro na área dos Cuidados Paliativos cuida da pessoa cujo processo de doença já não responde ao tratamento curativo, com o intuito de a ajudar a melhorar a sua qualidade de vida até ao último dia

TIMOTHY LIMA
Docente da ESE de Angra do Heroísmo

Os Cuidados Paliativos surgiram a partir do sentimento de impotência e de frustração que é comum nos profissionais de saúde face a doentes em fase terminal e da consequente preocupação em cuidar deles de forma adequada até ao fim das suas vidas.

Várias são as definições para Cuidados Paliativos, destacando-se a que foi apresentada pela Associação Nacional de Cuidados Paliativos (ANCP) em 1996. Para esta entidade, os Cuidados Paliativos consistem em "cuidados totais e activos prestados ao enfermo cuja doença já não responde ao tratamento curativo, com o objectivo de obter a melhor qualidade de vida possível até que a morte ocorra, controlando a dor e os outros sintomas e integrando aspectos psicológicos, sociais e espirituais nesses cuidados".

Nesta ordem de ideias, este tipo de cuidados deve ser concebido de modo lato, activo e dinâmico, envolvendo a pessoa com doença e a sua família.

Cuidar de um doente em fase terminal implica ter em consideração um conjunto de factores cuja interpenetração lhe confere uma grande complexidade.

Sendo cada pessoa um ser único e irrepitível, ela tem necessidades específicas e singulares, facto este que adquire particular relevância atendendo à iminência da morte, pois o aumento sucessivo de perdas que experiencia, pelo significado que lhes atribui, é acompanhado por um acréscimo dos seus medos e receios. Estes têm a ver não tanto com o que a pessoa espera depois da morte, mas com tudo o que ainda vai viver durante os momentos que a precedem, particularmente no que se refere à solidão.

Neste contexto, é reforçada a ideia de que todo o ser humano possui um valor único e incalculável e que não é inferior em qualquer fase da vida, sendo primordial que o processo de morrer seja humanizado.

A pessoa em fim de vida não deixa de ser um cidadão a quem não se pode negar o direito a uma assistência adequada às suas necessidades, nem privar daquilo que faz transcender o sofrimento e o risco de perecer: a alegria, a esperança, o que se traduz no direito que a pessoa



O processo de cuidar transcende a incurabilidade da doença



Viver a morte é, acima de tudo, dar um último sentido à vida



O enfermeiro ajuda a pessoa em fase terminal e a sua família a diminuir os seus medos

tem à partilha e ao amor do outro, condições que não se podem encontrar na solidão.

Desta forma, importa ter em consideração que os cuidados prestados a estas pessoas, em que a cura da doença já não é possível, se resumem à essência do cuidar, bem como ao acompanhamento e à capacidade de proporcionar conforto durante todo o período que ante-

cede a morte, aliviando-as da dor e do sofrimento e possibilitando-lhes, por conseguinte, as melhores condições de vida no período de tempo que lhes resta.

Os enfermeiros assumem frequentemente atitudes de afastamento, desenvolvendo mecanismos de defesa, o que se reflecte nos cuidados que prestam, limitando-se por vezes a um "cuidar" apressado, como

forma de controlar os seus sentimentos, correndo o risco de despersonalização desses cuidados.

Isto acontece, provavelmente, por ser o enfermeiro aquele que, pela sua proximidade às pessoas de quem cuida, mais sofre e sente, quando algum doente morre.

Cuidar de uma pessoa com doença em fase terminal não

A pessoa em fim de vida não deixa de ser um cidadão a quem não se pode negar o direito a cuidados adequados às suas necessidades

deve ser um acto exclusivo de enfermagem, já que a complexidade a ela associada exige que seja desenvolvido um trabalho conjunto e articulado entre os diferentes profissionais de saúde enquanto equipa multiprofissional.

Parece existir na nossa sociedade uma tendência para ignorar a morte, talvez pela certeza da sua inevitabilidade, esquecendo porém que ela faz parte de nós... que ela faz parte da vida: "Começamos com esta ideia - disse Morrie, no livro *As Terças com Morrie*, de Mitch Albom - Toda a gente sabe que vai morrer, mas ninguém acredita nisso (...) Aprende a morrer e aprendes a viver (...)." ||